

Edward Hopper

Por Valmir Perez

Um olhar bondoso em busca do “espírito de uma época”

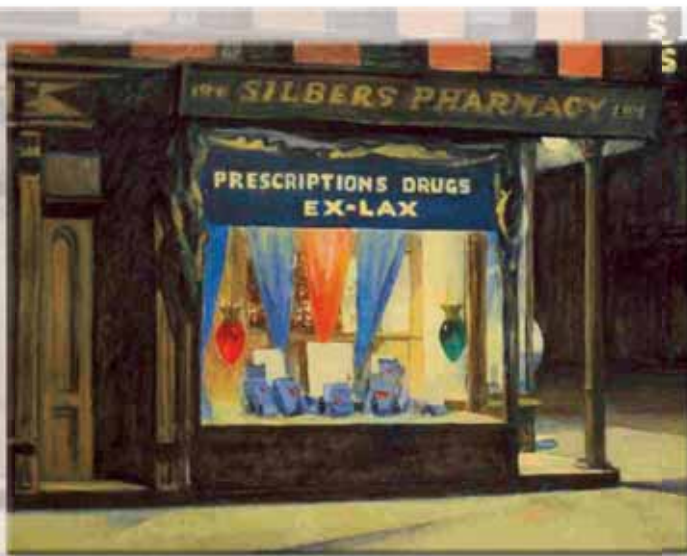
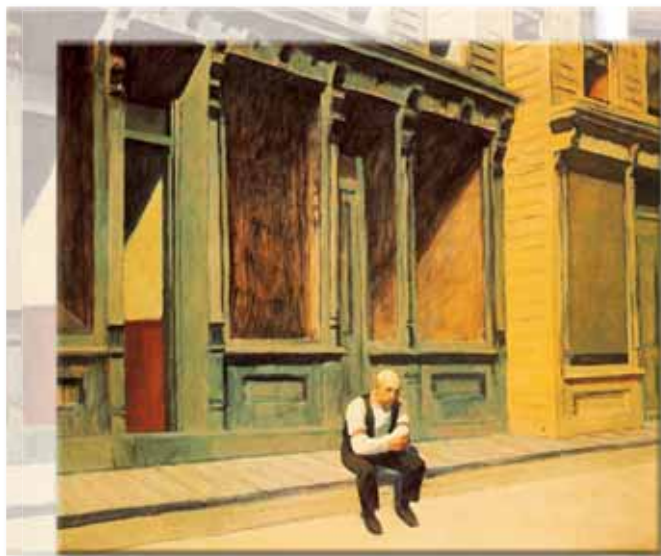
UMA DAS COISAS QUE MAIS APRECIO QUANDO VIAJO PELO Brasil é a arquitetura histórica que encontramos nesse imenso país. Não apenas nas grandes capitais, mas também nas cidades interioranas, que tiveram ou não relevância econômica, política ou cultural no passado.

Esses edifícios, casas, praças, igrejas, monumentos, escolas, etc., são verdadeiros museus a céu aberto e oferecem a todos aqueles que sentem carinho e respeito pelas obras e labutas dos nossos antepassados, algo muito mais do que a simples visão de suas fachadas, jardins e interiores.

Não se constituem, de forma alguma, apenas de

amontoados de tijolos, ferro, pedras e argamassa. Com olhos atentos e um pouco de conhecimento dos episódios que nesses locais se desenrolaram é possível remontar à História. Às nossas histórias, enquanto povo que recebeu e ainda recebe uma quantidade enorme de influências culturais vindas dos mais diversos recantos do planeta.

São informações muito subjetivas que se escondem entre as frestas das enormes portas, dos vitrais coloridos das igrejas, das abóbadas e colunas, dos desenhos e arabescos de seus azulejos pintados à mão, de seus quintais simples e pomares frondosos, de suas telhas literalmente



“feitas nas coxas” dos escravos. Tudo isso nos revela os maneirismos de um povo, da sua arte, de suas técnicas, de seus conhecimentos, dos jeitos e saberes dessa gente que já se foi, mas que ainda conserva sua existência e teima em continuar existindo.

Quando avistamos ou entramos nesses locais, algo de tênue mexe com as nossas emoções. Talvez aquele defeito no piso ali no canto da sala grande de uma fazenda de café do século XIX, ou o desenho mágico entre as estruturas de ferro fundido de alguma antiga estação de trens do interior paulista, trazida desmontada da Inglaterra e montada aqui, viga por viga, tijolo por tijolo, ou ainda os vãos vazios de argamassa dos paralelepípedos das ruas das velhas cidades. São nesses e em outros pequenos detalhes que despontam o que podemos chamar de “espírito de uma época”.

Entre as linhas de velhos trilhos, podemos “sentir” os sons ruidosos dos primeiros bondes puxados a burro, os sons monótonos dos apitos dos condutores das marias-fumaças, até mesmo o roçar das saias das sinhazinhas nas bancas de quitutes das negras velhas. Já as imagens dos antigos casarões dos barões de outrora nos transportam à vida

cotidiana das famílias abastadas, cujos filhos estudavam na Europa e brincavam de fazer aviões, enquanto namoravam as garotas do Moulin Rouge.

Em alguns lugares mágicos, sentimos ainda a presença indelével das crianças brincando de bilboquê, rodando um aro de ferro ou jogando pião. Nas soleiras das velhas casas e becos, onde também cresci brincando e jogando bola, estão escritas as páginas de outros tempos, quando o próprio tempo andava meio preguiçoso. Ainda me lembro dos cheiros dessas casas e da vida simples das famílias que nelas habitavam. Essas lembranças são avivadas sempre que passo por esses lugares ou remexo em fotos antigas e amareladas.

É dessa “matéria” intangível, captada pelos pincéis dos artistas e pelas lentes dos antigos daguerreótipos, que surgem mundos perdidos. Devemos aos artistas e aos primeiros fotógrafos a oportunidade de chegar mais perto de mundos que agora vivem em outras dimensões.

Dentre esses artistas, que através de seus apurados olhares e corações abertos, sem preconceitos, a arte de Edward Hopper nos chama a atenção pelo carinho com que



trata o próprio tempo. Uma verdadeira aula de história surge através de suas pinceladas. Uma história recente, mas nem por isso menos importante.

Muitos artistas do passado contribuíram para que hoje pudéssemos “entender” melhor o que eram esses outros tempos, quem eram esses povos e, com isso, aprendermos lições importantes com as suas experiências, com a história. Edward Hopper é um deles.

O artista, sua vida e sua obra

Edward Hopper nasceu no dia 22 de julho de 1882, em Nyack, uma pequena cidade do estado de Nova York, banhada pelo rio Hudson. Filho de uma família batista de classe média, desde cedo mostrou talento pelo desenho. Esse gigante que atingira 1,80 metro aos doze anos de idade, sempre preferiu a solidão e os livros. Aos 18 anos ingressou na escola de ilustração por correspondência de Nova York e, no ano seguinte, transferiu-se para a escola de arte da mesma cidade. Estudou ilustração publicitária e, em seguida, pintura. Viveu no apogeu da arte abstrata, mas direcionou seu trabalho ao realismo figurativo. Foi um grande opositor do abstracionismo e apaixonado pelos mestres realistas do passado, tais como Velásquez, Goya, Daumier, Manet e Degas.

Sempre longe da boemia, Hopper passa alguns meses em Paris entre os anos de 1906 e 1907. Nesse período, encanta-se com o impressionismo e inicia seu interesse pelos efeitos da luz, que certamente irá acompanhá-lo durante toda a sua vida. De volta a América, em 1907, inicia uma série de exposições organizadas por Robert Henri, no Clube MacDowell. No início, seus quadros não interessaram nem aos críticos, nem aos colecionadores, mas ele jamais desistiu de sua arte.

Seu estilo peculiar, realista e ao mesmo tempo simbolista, começa chamar a atenção do mundo da arte. Em 1913 vende sua primeira obra. Em 1920 expõe dezesseis óleos sobre tela em Paris e, a partir de então, forja seu estilo próprio, buscando pintar a vida do homem urbano, cenários do cotidiano, a simplicidade e originalidade da vida americana dos anos 20 em diante. Hopper trabalhou com desenho publicitário e ilustração até os 42 anos de idade, quando já suficientemente seguro economicamente e como artista, passou a dedicar integralmente à pintura.

Mesmo depois de se tornar rico, Hopper continuou com hábitos simples. Em 1924, casou-se com Josephine Verstill Nivison, que, como ele, era ex-aluna de Robert Henri. Muitos de seus quadros de nus são de sua esposa,

que era ciumenta ao extremo e não deixava que o artista pintasse outras mulheres.

A partir de 1932 começou receber prêmios, honrarias e convites para exposições individuais nos mais famosos museus dos Estados Unidos. Em 1941, ele e a esposa fazem uma grande viagem cruzando o país de automóvel, daí a grande quantidade de quadros que retratam hotéis, motéis, rodovias, bares, estações etc. Mesmo sendo um grande opositor do abstracionismo, recebe o carinho e o respeito dos artistas desse movimento.

Em 1965, o sempre sisudo Hopper pinta seu último quadro – dois comediantes fazendo reverências antes de deixar o palco. Convidado para encabeçar a IX Bienal de São Paulo, morre antes da abertura da exposição, em seu estúdio na Washington Square North, em 15 de maio de 1967, e recebe aqui as homenagens póstumas.

O olhar bondoso de Hopper

Quem se aproxima das obras do mestre pode notar a forte presença do homem e cultura americanos da primeira metade do século XX. Particularmente, vejo-me transportado para lugares e tempos que insinuam a vida cotidiana daquela gente, de uma sociedade que nascia para se tornar a maior potência do planeta, mas ao mesmo tempo percebo ainda a vida simples de um povo que iniciava os primeiros passos em direção a um futuro fortemente influenciado pela tecnologia, pela disciplina, pelo ufanismo patriótico, pela indústria, pela propaganda e pelas contínuas guerras que travariam pelo mundo afora.

Ali numa esquina um casal toma uma um café ou drinque num restaurante simples - a vida tem momentos de pausa; um posto de gasolina vazio, na beira de uma estrada de terra – lugares que são lembrados pela suas desimportâncias; a vitrine de uma pequena farmácia de cidade de interior acesa à noite... No silêncio de sua arte, aprendemos o valor de qualquer vida; alguém varrendo um jardim – talvez imaginando lugares distantes; um homem solitário sentado no meio-fio da calçada – ninguém sabe se está triste, cansado ou apenas brinca de pensar.

Essas imagens, fortemente emolduradas por luzes “mágicas”, transmitem uma paz cotidiana, valoriza coisas que geralmente o homem moderno, preocupado com o futuro e com seus desejos, deixa passar em branco. Talvez a verdadeira felicidade de nos sentirmos vivos esteja nesses pequenos detalhes. Talvez a verdadeira história de todos nós seja aquela feita das coisas mais simples e ainda não nos demos conta disso.

Receio até que vivamos num mundo tão cheio de

novidades, que não possuímos mais o dom de sentir a magia da existência, dos momentos e coisas comuns, que são retratadas nas obras de Hopper. Para mim, elas ainda trazem em seus rastros algo ainda mais valioso, algo que somente percebemos quando paramos para apreciar alguma coisa de verdade. Elas me trazem o sentimento de respeito pelos caminhos que a história traça e dos quais fazemos parte.

Preservar o passado, para quê?

Passo em frente a um lindo edifício de fins do século XIX. Um hospital com fachada em estilo neoclássico, fundado em 1879, numa cidade no interior de São Paulo. Posso notar claramente o estilo pelo pórtico e detalhes da fachada e do frontão. É dia e percebo muito claramente os contornos da construção, seus detalhes. Uma obra certamente levantada por mãos habilidosas. Percebo tudo isso porque são 11 horas da manhã. O dia está claro e o sol brilha num céu sem nuvens. A pintura recém-restaurada, com cores próximas às originais, e os jardins bem-cuidados, me fazem voltar no tempo.

Não é preciso fazer muito esforço para perceber que existe uma preocupação por parte dos proprietários de preservar as características originais do prédio. Isso, com

certeza, fortalece a confiança e o respeito das pessoas por essa antiga instituição que já faz parte do patrimônio histórico e cultural da cidade.

É possível imaginar como a cidade era diferente quando o prédio foi fundado e a busca de uma estética clássica européia que permeava os projetos da época. Mas não é só isso. Pode-se até mesmo imaginar a vida das pessoas, seus costumes, suas roupas, as atividades mais comuns desses anos, apenas dando um passeio por seus jardins e pelas galerias internas.

Certamente alguém ligado à ciência médica poderá até explicar porque determinadas salas, corredores, janelas, etc. foram projetados para contribuir com os procedimentos técnicos da medicina da época e o bem-estar dos pacientes. Para olhos apurados o lugar é uma aula de história em pleno coração da cidade.

O susto

São oito horas da noite, passo novamente em frente ao hospital e me espanto com o que vejo: Mas o que é isso? Onde estão os detalhes da fachada? Que cores saturadas são essas? O que fizeram com a construção? Esperem um pouco, a fachada está mudando de cor! As paredes de um

Assine



Lume Arquitetura. Para ficar entre os melhores, só tendo acesso à melhor informação.

A qualidade da informação de Lume Arquitetura é o que a destaca como a melhor revista brasileira para profissionais de iluminação. Textos agradáveis, de fácil compreensão, ilustrados com belas fotos e imagens, abordam assuntos técnicos e estéticos, elementos fundamentais para o bom resultado de um projeto luminotécnico. Assine Lume Arquitetura. Você vai ficar sempre muito bem informado.

Central Lume de Assinaturas

(11) 3801 3497

assinaturas@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

azul cintilante estão ficando vermelhas! O que é isso? Um hospital, um restaurante ou uma loja de departamentos? Observem os jardins: as árvores estão lilases! Quem está fazendo isso, e por quê?

As pessoas param, olham e se entretêm com as mudanças de cores, com os jogos de sombras, com a dança das luzes. Mas, então é isso um projeto de iluminação? Serve para criar cenas de luzes e chamar a atenção das pessoas? Mas logo aqui, num hospital? Achava que projetos de iluminação em prédios históricos serviam para valorizar os espaços, seus detalhes, avivar os sentimentos de respeito ao passado e à cultura e não para criar diversão gratuita.

Pois bem, sei que alguns profissionais vão torcer o nariz e dizer: você está sendo preconceituoso! As novas tecnologias estão aí e merecem nossa atenção e valorização! Temos de mudar as cidades, torná-las mais atraentes, o mesmo papo de quem se abismou demais com um celular que toca músicas e acessa internet, sem levar em conta outras prioridades.

Não discordo de nada disso, mas apenas entendo que devemos ser bastante cuidadosos com o “poder” que temos nas mãos. Poder no sentido de contribuir ou não para a melhoria das cidades e até mesmo da vida íntima das pessoas. Ansiosos por usar e abusar das sempre novas tecnologias da luz, alguns designers de iluminação, às vezes, deixam-se levar apenas por promessas que as técnicas e tecnologias nos trazem todos os dias. Promessas de mudanças radicais, da criação de um mundo novo, sem ao menos prestarem atenção que a história e o respeito pela cultura de uma época é algo mais importante do que se imagina.

Alguém já disse que “um povo sem história não tem futuro”. Concordo plenamente com a assertiva, pois sem a história presente em nossos livros, museus, monumentos etc., onde acharemos pontos de referência para saber quais os melhores caminhos a tomar no presente para construção do futuro? E se esquecermos as lições do passado e repetirmos os mesmos erros? Não será burrice? Não é exatamente isso que fazemos quando enterramos esse passado, através de intervenções desastrosas na arquitetura das cidades, em nome de uma modernidade que muitas vezes não sabemos definir?

Passado flutuante

E os perigos de um passado flutuante, que pode ser mudado ao bel-prazer das forças dominantes? Quem leu o fantástico “1984”, de Jorge Orwell, entende o que estou

querendo dizer. O livro retrata uma sociedade cujo passado era constantemente mudado, para que os cidadãos acreditassem sempre em novos programas de um governo violento e ditatorial.

Se projetos como o deste hospital forem levados a cabo, através da destruição e descaracterização sistematizada do patrimônio histórico, não correremos o risco de anular a sensibilidade das gerações futuras e apagar, de vez, os resquícios sutis de nosso passado? E o que dizer da pirotecnia luminotécnica sem sentido que sorrateiramente está transformando cidades em parques de diversão? Algumas já chegaram lá. Eu já disse várias vezes que não quero viver na Disneylândia.

O que fica visível em projetos “encantados”, como o que acabo de citar, é a total falta de uma pesquisa consistente que limite as tomadas de decisões e que priorize o que deve ser priorizado por parte dos designers. Isso significa, a meu ver, buscar uma solução estética e técnica que contribua para a valorização da cultura de uma determinada região e de sua população, além, é claro, do conforto ambiental, beleza e harmonia.

Algo mais que apenas luz

As luzes estão lá em cima, nos telhados, brilhantes, revelando e valorizando as construções. Estão também nas calçadas, embutidas em suas pedras, provocando e impressionando os olhares. Estão nos jardins, iluminando as copas de árvores centenárias, nos muros, nas fontes, nos espelhos d’água, por entre vigas de madeiras extintas, por todas as partes onde se quer que a vista “sinta” e “respire” os ambientes.

Mas será que apenas as luminárias e equipamentos são suficientes para que se dêem essas percepções? Claro que não. A maior parte das fontes de iluminação ainda requer intervenções convencionais na execução dos projetos elétricos. Fios, cabos, caixas de passagem, sistemas de distribuição, sistemas de controle, etc. Um buraco aqui, um furo ali, ou uma amarração malfeita podem destruir o que precisa ser devidamente preservado.

Em se tratando de projetos luminotécnicos em construções antigas [e], muitas delas tombadas pelos órgãos de proteção e administração de patrimônios históricos e culturais, cabe também aos lighting designers o estudo minucioso dessas intervenções em parceria com engenheiros elétricos e engenheiros civis, entre outros profissionais, os cuidados com a preservação e com os índices de depreciação das fontes e aparatos de luz.

Nos jardins, parques, reservas ambientais, jardins

botânicos, onde não apenas a preservação dos edifícios e monumentos está em jogo, mas também a preservação dos sistemas de vida dos nichos ecológicos – muitos deles detentores de espécimes de plantas e animais que se encontram nos limiares da extinção – não cabe também aos designers de iluminação a pesquisa e a obtenção de resultados corretos que não interfiram nesses ambientes e provoquem um verdadeiro desastre? Claro que sim! Isso também faz parte de nossas atribuições.

Meu lar é meu castelo

Mas não é apenas em monumentos que a preocupação e o respeito com a História são fundamentais. Lighting designers devem fazer da pesquisa um exercício diário e comum em qualquer tipo de projeto. Em projetos de iluminação de residências, por exemplo, o núcleo familiar deve ser estudado. Um pequeno objeto que, à primeira vista, passaria despercebido por alguém de fora, pode ter valores subjetivos muito fortes para o grupo familiar. Aquele pequeno quadro na parede, um móvel, uma escultura, qualquer objeto, pode ser um ímã de atração e formação da consciência coletiva do grupo, de sua história, da “alma” dessa família.

Profissionais que não submetem seus projetos de iluminação à pesquisa histórica correm o risco de pisar em terrenos não conhecidos, de desrespeitar as intimidades de um povo, de um núcleo familiar ou até mesmo, em projetos de clientes cujo cunho é objetivamente comercial, de não perceberem essas nuances sutis que permeiam a vida de todos nós. Alguém que percebe que sua intimidade, sua história e seus desejos íntimos de preservação cultural foram levados em consideração em um projeto será eternamente grato e valorizará, ainda mais, os profissionais que souberem atender a esses requisitos.

Tenho certeza que o mergulho na vida e obra de Edward Hopper e na de tantos outros artistas que dedicaram suas vidas à arte, colocando seus corações bondosos acima de qualquer preconceito e vaidade, revelando aspectos de uma simplicidade profunda do cotidiano das pessoas e de suas épocas, podem nos ajudar a perceber que as coisas aparentemente simples são de uma importância fundamental em nossas existências. Que a história, e as emoções e sentimentos dela provenientes, estão muitas vezes em algo aparentemente banal, em pequenos detalhes, desdobrando os acontecimentos como desdobramos as velhas cartas de amigos que aqui estão, ou que já se foram. Que o bondoso olhar de Hopper também inspire em todos nós o carinho e respeito por todas as vidas que ainda vivem e pulsam à nossa volta. Que saibamos contemplar com olhos amorosos o espírito de épocas que nos deixaram seus imensos legados. ◀



Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Multimeios. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato - valmirperez@gmail.com/www.iar.unicamp.br/lab/luz.

BIBLIOGRAFIA:

Levin, Gail, Edward Hopper: the complete prints, New York: London: W. W. Norton, 1979.
Schmied, Wieland, Edward Hopper: portraits of América, Munich; New York: Prestel, 1995.
Woodford, Susan. A arte de ver a arte / Susan Woodford; tradução, Alvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
Wofflin, Heinrich, Conceitos fundamentais da história da arte: o problema da evolução dos estilos na arte mais recente / Heinrich Wofflin; tradução João Azenha Jr. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
Rodrigues, José Wasth, Documentário arquitetônico relativo à antiga construção civil no Brasil / José Wasth Rodrigues. São Paulo: Ed. da USP: Liv. Martins, 1975.
Loureiro, Maria Amélia Salgado, A evolução da casa paulistana e a arquitetura de Azevedo / Maria Amélia Salgado Loureiro. São Paulo: Voz do Oeste: Secretaria da Cultura, 1981.

Assine

**Lume Arquitetura.
Para ficar entre os
melhores, só tendo
acesso à melhor
informação.**

A qualidade da informação de Lume Arquitetura é o que a destaca como a melhor revista brasileira para profissionais de iluminação. Textos agradáveis, de fácil compreensão, ilustrados com belas fotos e imagens, abordam assuntos técnicos e estéticos, elementos fundamentais para o bom resultado de um projeto luminotécnico. Assine Lume Arquitetura. Você vai ficar sempre muito bem informado.



Central Lume de Assinaturas

(11) 3801 3497

assinaturas@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação